

Antonio Ermirio critica a posição do Brasil e prevê volta ao passado

SÃO PAULO — “Estariamos apenas adiando o dia da desgraça final”, advertiu o Presidente do Grupo Votorantim, Antonio Ermirio de Moraes, ao comentar ontem a proposta do Presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, de aumentar os empréstimos para promover o desenvolvimento dos países endividados para que eles consigam saldar seus débitos com o sistema financeiro internacional.

Segundo ele, isso só provocará mais fortalecimento do setor estatal, “pois o Governo terá de adotar novas prioridades fictícias, ao mesmo estilo da Ferrovia do Aço, Ponte Rio-Niterói e o projeto nuclear”. Ermirio de Moraes afirmou que novos empréstimos deixarão os banqueiros mais satisfeitos, “pois eles não dão biscoito para ninguém”.

“A proposta de Clausen apresentada à assembléia do FMI me causa arrepios”, disse. Para ele, uma prorrogação do acordo provisório com o FMI seria bem-vinda, mas novos empréstimos trariam apenas uma situação que repetirá os falsos índices de desenvolvimento alcançados no passado.

O GLOBO — Por que o Sr. é contra a proposta do Presidente do Banco Mundial?

ERMIRIO DE MORAES — Since ramente, nem gosto de pensar em novos financiamentos. Eles iriam piorar a nossa posição. Se não temos prioridades essenciais, novos financiamentos significam uma coisa muito séria. Vamos continuar fazendo o jogo deles e propiciar o surgimento de novas loucuras do tipo da Ferrovia do Aço. Têm é que dar mais prazo para pagarmos nossa dívida.

O GLOBO — Mas não lhe parece razoável o raciocínio de que só com desenvolvimento poderíamos saldar os nossos compromissos?

ERMIRIO DE MORAES — Será que já não chega a lição que tivemos nos anos passados? Seria um estímulo igual ao que tivemos na nossa economia nos anos 70. Para os credores, é conveniente injetar novos financiamentos, pois o Governo garante. Afinal, o Brasil nunca deixou de pagar suas dívidas. Eu comparo isso à mesada que um pai conti-

O GLOBO — O que aconteceria se o Brasil aceitasse a proposta de mais financiamento?

ERMIRIO DE MORAES — Estariamos apenas adiando o dia da desgraça final e os banqueiros ficariam mais satisfeitos por dar novos recursos agora, com o aval do FMI. Temos que agir como país pobre, em vez de querer dar uma de rico.

O grande problema do Governo continua sendo o déficit público, que é cada vez mais alimentado pelas empresas estatais. Precisa-se fechar simplesmente todas as estatais. Essa história de privatizar algumas delas não funciona, pois são empresas altamente endividadas. Não é isso que vai resolver. A minha solução é a seguinte: fechamos, por exemplo, 100 estatais, provocando o desemprego de 50 mil homens. A empresa privada poderia absorver essa mão-de-obra.

O GLOBO — O sr. já revelou ser favorável à trimestralidade. Então o sr. seria um aliado dos trabalhadores nesta questão no caso de surgir um convite para



se sentar à mesa com o Governo?

ERMIRIO DE MORAES — Temos que olhar a posição do assalariado com bom senso. O importante é ser prático: ou pagamos ou vamos conviver com greve toda hora. O trabalhador precisa ter reajustes. Minha proposta é um reajuste conforme a inflação. Para um índice de 200 por cento, reajustes trimestrais. Se for reduzido para 100 por cento, voltariam os semestrais. E assim por diante.